

Pós-cena: a temporalidade nas relações dramaturgias expandidas ou “Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade”.

Post-scene: temporality in expanded dramaturgical relations or “He told me it is not advisable to write reality”

Autor: Felisberto Sabino da Costa – (Universidade de São Paulo – USP)¹

Resumo

O trabalho busca investigar as temporalidades na dramaturgia produzida ou veiculada na metrópole paulistana, a partir de uma perspectiva expandida. O recorte contempla a cena contemporânea, na qual o olhar abarca práticas em manifestações sociais, artísticas e culturais em distintos espaços-tempos do corpocidade. Como material empírico para lidar com o tempo, valho-me, nessa fala, do livro-diário “*Quarto de Despejo*”, de Carolina de Jesus.

Palavras-chave

Tempo, corpocidade, dramaturgia, texto biográfico, cena expandida.

Abstract

The article seeks to investigate the temporalities in dramaturgy produced or broadcast in São Paulo City, from an expanded perspective. The research cutout frames the contemporary scene, in which the gaze encompasses practices in social, artistic and cultural manifestations in different space-times. As empirical material to analyse, I chose, at this moment, the daily-book “*Quarto de Despejo*”, by Carolina de Jesus.

Keywords

Time, city, dramaturgy, biographical text, expanded scene.

¹ Professor-Doutor, do Departamento de Artes Cênicas pela ECA/USP. Realizou estágio de pós-doutorado na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3 em 2011. Dramaturgo e Coordenador de O Círculo – Grupo de Estudos Híbridos das Artes da Cena



Foto: Reprodução/EBC. In: <https://diariodorio.com/ufrj-concede-titulo-de-doutora-honoris-causa-a-escritora-carolina-maria-de-jesus/>

Introdução

O experimento-texto lança um olhar não necessariamente em linha reta, mas numa regressão ao passado para falar do presente, um movimento que mira o agora e ao mesmo tempo vê questões que este projeta no passado, constituindo eventos em reversão. Intenta-se rastrear as andanças que Carolina de Jesus, como autora, perfaz na cidade e como elas operam dramaturgicamente no corpo da sua escritura, envolvendo poéticas espaciais, visuais e sonoras no jogo com as palavras. É importante observar que a obra é tomada como um disparador e não como objeto único da reflexão.

Paisagem #1: Teatros da Vida Real

Quarto de Despejo: “Aquele dizer as coisas” (Manuel Bandeira)

1955

15 de julho - Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentares nos impede a realização dos nossos desejos.

Procurei meu filho João José. Ele estava na Rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. Aproveitei a minha calma interior para eu ler.

RUBRICA

Felisberto de Carvalho (Niterói, 1850- Rio de Janeiro, 1898). Músico. Jornalista. Professor. Educador. Geração da década de 1870. [Ontem]

Centro Espírita Esperança de Vida, Rua Felisberto de Carvalho, 70 – Canindé. [Hoje]

Minimercado Alves – Rua Felisberto de Carvalho, 144 – Canindé. [Hoje]

16 de julho – Fui buscar água. Fiz o café.

17 de julho – Domingo. Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvens. Deixei o leito às 6:30. Fui buscar água. Fiz o café. Puis feijão no fogo que *ganhei ontem* do Centro Espírita da Rua Vergueiro, 103.

18 de julho - As mulheres saíram, deixou-me em paz hoje. Elas já deram o espetáculo. A minha porta atualmente é teatro.

22 de julho – Manhã. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço.

23 de julho - Liguei o rádio para ouvir o drama. Dormi uma hora e meia. Nem ouvi o final da peça.

RUBRICA

Centro Espírita Esperança de Vida, Rua Felisberto de Carvalho, 70 – Canindé. [Hoje]

1958

6 de maio – De manhã não fui buscar água. É preciso conhecer a fome para saber descrevê-la. Estão construindo um circo aqui na rua Araguaia. Circo Teatro Nilo.

15 de maio - Eu classifico São Paulo assim: o Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.

18 de maio – Na favela tudo circula num minuto.

23 de maio - Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. Que espetáculo deslumbrante. Nas ruas e casas comerciais já se vê as faixas indiciando os nomes dos futuros deputados. Thereza, irmã de Meiry tomou soda.

1 de junho – *É o início do mês é o ano que desliza.*

16 de junho - Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: É pena você ser preta.

9 de julho - Feriado. Ida ao Juizado, internação do filho. Rua Itaboca [Atual Rua Cesare Lombroso],

RUBRICA

Cesare Lombroso (1835-1909) - Pai da criminologia moderna, pesquisador da fisiognomia, estudo das características físicas de loucos, criminosos, prostitutas e pessoas tidas como normais. Classificação conforme as feições esboçadas. Rua do Meretrício. O confinamento das prostitutas num lugar determinado da cidade, controle, vigilância sanitária e policial sobre a vida e o corpo destas mulheres. Gestão Adhemar de Barros, 1940-1953.

21 de julho - Fui catar papel. Estava horrorizada com a cena que o Alexandre representou de madrugada. Ajuntou a criançada para presenciar a cena que eu reproveo.

9 de agosto - Ida ao sapateiro. [Ao pergunta-la se o livro dela era comunista, ela diz: ‘é realista’]. “Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade”.

16 de outubro – Vocês já sabem que eu vou carregar água todos os dias. Agora eu vou modificar o início da narrativa diurna.

Você já viu um cão quando quer segurar a cauda com a boca e fica rodando sem pegá-la? É igual o governo do Juscelino.

8 de novembro - Ele disse-me que quer casar comigo. Olho e penso: este homem não serve para mim. Parece um ator que vai entrar em cena. Eu gosto de homens que pregam prego, consertam algo em casa. Mas quando estou deitada com ele acho que ele me serve.

[Alexandre, 19 horas, briga com a sua esposa]

Eu não imprecionei porque já estou acostumada com os espetáculos que ele representa. A cena não era para rir. Não era comédia. Era drama.

Buscar água, catar papel, tirar foto, tirar título de eleitor, ida à rua Santuário, conversa com pessoas nas ruas, buscar ossos, eleições, tomar bonde, descer no ponto final, ir ao açougue, comprar carne moída, fome, sonho, briga, água, preto, branco, favela, barraco.

01 de janeiro de 1960 – Levantei cinco horas e fui carregar água.

Nas ações cotidianas, o tempo desliza

Paisagem #2: Temporalidades e Dramaturgias

Na apresentação do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina de Jesus, o jornalista Audálio Dantas nos diz que essa obra é “um retrato de corpo inteiro sem os retoques do acabamento cômodo de certos pesquisadores”. (1963, s/p). Moradora da favela do Canindé, Carolina de Jesus elabora um “depoimento vindo lá de dentro”, que transcorre durante cinco anos, dia após dia, passagens cronológicas que contêm elipses, e algumas delas se estendem por alguns anos. Esses vãos temporais convidam o leitor/espectador dos teatros da vida real a imaginar as ações reiteradas ao longo de sua narrativa. Em 1963, a autora testemunha em seu livro: o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido. (p. 31) A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo o que está fraco morre um dia. (p. 32) Carlos Lacerda, muito intrigante, um político de cortiço que gosta de intriga, um agitador. (p. 10) A favela é o quintal onde se joga o lixo. (p. 25). O custo de vida faz o operário perder a simpatia pela democracia (p. 96). Essas frases pinçadas aleatoriamente dão a tônica da sua ira, e são contrapostas a outras plenas de ternura: Fiz a comida. Achei bonito a gordura frigindo na panela. (p. 34). Há palavras recorrentes, com o passar dos dias: ossos, fome, sonho, briga, água, preto, branco, favela, barraco. Para Carolina de Jesus, o Brasil é predominado pelos brancos. (p. 98). Poderíamos ainda dizer, no nosso tempo de agora: o Brasil ainda é (pre)dominado pelos brancos. Iniciado em 15 de julho de 1955, o percurso narrativo se encerra, mas não finda, em 1960. As temporalidades continuam atravessando as ações, pequenas ações, realizadas no seu cotidiano.

O tempo atravessa a realidade

O cientista Carlo Rovelli nos diz que "para chegar a uma nova teoria, devemos construir um esquema mental que não tenha a ver com nossa concepção usual de espaço e tempo" (2021, s/p). Nessa poética do olhar, que é a teoria, haverá que “pensar em um mundo em que o tempo não é mais uma variável contínua, mas uma outra coisa” (2021, s/p). Seguindo essas premissas, almejo trazer algumas miradas poéticas de uma dramaturgia atravessada pela cidade, num percurso que avança e retrocede. Ao pensar o tempo como “uma outra coisa”, perscruto algo que tem a ver com os moveres do corpo, com vestígios e paisagens, afetos e camadas que se assentam como estratos no corpocidade. Penso, talvez, numa espécie de ficção que perfura a realidade e a traz de volta ao uso comum. Tal como sinaliza José Antônio Sanchez (2016), ao propor dispositivos poéticos que restituam a todos a possibilidade da partilha coletiva, faz-se necessário insurgências estéticas que rompam ações opressoras. Dessa forma, compor uma dramaturgia é forjar ritmos envolvendo espaço e tempo para articular mundos possíveis, futuros no presente. É nessa pegada que o corpo se move. Rovelli nos diz ainda que “o tempo pode parecer simples, mas é realmente complexo: ele é feito de muitas camadas, algumas das quais são relevantes apenas para certos fenômenos, e não para outros” (2021, s/p).

A imagem que perpassa a expressão “muitas camadas” perfaz tempos que se revelam nas paisagens, nos vestígios e nas andanças do texto de Carolina de Jesus, na metrópole paulistana que se move nos anos 1950, no corpo como se fora peça de uma máquina voraz, daqueles/daquelas que para São Paulo vieram no ritmo frenético de sua industrialização. Em 19 de maio de 1958, Carolina escreve: “E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar no quarto de despejo. (1963, p. 28) A autora tece coreografias elaboradas na labuta diária, nas ruas, nos becos e buracos do corpopcidade, nos enfrentamentos frente à fome diária, à velocidade dos dispositivos citadinos que buscam a conformação das pessoas, expelindo aquelas que não se enquadram. Recorro, mais uma vez, a Rovelli, ao nos dizer que:

[O] tempo corre em velocidades diferentes para pessoas diferentes, dependendo de onde estão e como se movem. O motivo pelo qual normalmente não vivenciamos esse tipo de experiência é apenas que nossa vida na Terra se move numa velocidade lenta entre nós e, nesse caso, as diferenças de tempo são pequenas. (2021, s/p)

Ao deslocar essa observação sobre o tempo, elaborada no campo da ciência, proponho uma operação poética, na qual esses dizeres possam ser imaginados na vivência diária de “pessoas diferentes” no corre da cidade. Dependendo de onde estão, os tempos se movem diferentemente para elas. O (des)compasso de temporalidades faz com que Carolina de Jesus vá morar numa favela do Canindé, e realize perambulações diárias entre o lixo e a riqueza. “As propriedades do mundo em relação a uma pessoa não são necessariamente as mesmas em relação a outra”, pois, “normalmente, não vemos essas diferenças nas propriedades físicas porque os efeitos quânticos são muito pequenos. Mas, em princípio, podemos ver mundos ligeiramente diferentes” (ROVELLI, 2021, s/p). Seguindo o jogo poético de aproximações com o texto de Rovelli, a possibilidade de “ver mundos ligeiramente diferentes” instaurada pelo olhar de Carolina, sob o arco da paisagem citadina nos anos 1950, a autora tece pequenas ações num cotidiano árduo, “efeitos quânticos” na busca do sustento, dir-se-ia quase invisíveis. Há aqueles/aquelas que não veem “as diferenças nas propriedades físicas porque os efeitos quânticos são muito pequenos” e também não veem as pequenas ações diárias de quem vive na favela do Canindé. Porém, elas teimam em vir aos olhos pelos rastros das passagens. Emmanuel Lévinas nos diz que “o vestígio é a inserção do espaço no tempo” (2012, p. 65). Esta inserção é inerente à escritura teatral, nos endereçando a questões que perfazem aquilo que nominamos teatro, arte que conjuga espaço e tempo. Na trama do despejo, como experiência do corpo, os moveres e a memória articulam dramaturgias. Carolina invoca o espaço urbano, os interstícios de um corpo citadino, na coreografia diária das micro-ações. O próprio texto estrutura-se como uma passagem temporal: um diário que se desenrola no cotidiano de manhãs e noites, de dias e anos. Em muitas de suas ações, o tempo nela opera pela repetição, um pedir

reiterado na passagem (paisagem) que avança e ao mesmo tempo retrocede, plasmando um continuum, no sempre fazer que sedimenta os rastros. Em determinadas situações, verificamos como a fome, em sua “tortura diária”, redimensiona a experiência do tempo atravessada pelo corpo. Na tortura, há um operar que desfaz a métrica do tempo em condições extremas. Para Andreas Huyssen, a implicação espaço e tempo, relacionada à memória, acontece simultaneamente, não havendo separação, pois a memória “não diz respeito apenas ao tempo, mas é sempre espacializada em contextos memoriais, urbanos e daí por diante”. Huyssen conclui dizendo que “tempo e espaço devem ser pensados juntos e não separados, mas sim “vê-los em sua relação dialética”. (2014, p. 68) Processo que remonta aos movimentos do corpo-memória evocados por Carolina de Jesus, no ir-e-vir cotidiano na fatura da sobrevivência. Já, para o cineasta Patricio Guzman, em cuja cinematografia há obras que também contemplam vestígios do passado, “a memória tem força de gravidade. Sempre nos atrai: os que têm memória são capazes de viver no frágil tempo presente, os que não têm não vivem em nenhuma parte” (2010, 01:30:31). Talvez não seja o passado e o futuro, isoladamente, os disparadores do mover, mas o “frágil presente” que é tensionado por um e outro polos simultaneamente, espaços entretempos em que o corpo trafega. Ao articular a sua tessitura, Carolina de Jesus esboça passagens de um corpo que deixa vestígios pela escrita, dado que escrever é inscrever algo no tempo. Como nos diz Jeanne-Marie Gagnebin:

“Este rastro privilegiado que os homens deixam de si mesmos, desde as estelas funerárias até os e-mails efêmeros que apagamos depois do uso – sem esquecer, naturalmente, os papiros, os palimpsestos, a tábua de cera de Aristóteles, o bloco mágico de Freud, os livros e as bibliotecas: metáforas-chave das tentativas filosóficas, literárias e psicológicas de descrever os mecanismos da memória e do lembrar. (...) Apesar da tão comentada preponderância contemporânea das imagens sobre o texto, continuamos falando de escrita, escritura, inscrição quando tentamos pensar em memória e lembrança. (2014, p.111)

O tempo-espaço atravessa a dramaturgia, da mesma forma que atravessa Carolina de Jesus no mover constante pelo corpocidade, pelas veias e artérias que o compõe. Outra questão que se coloca, a partir dos movimentos do corpo, diz respeito ao lugar de onde se vê: da favela avista-se a cidade, e nela, a autora mergulha o olhar, compondo paisagens: “Eu classifico São Paulo assim: o Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”. (1963, p. 25) Pelas palavras, a escritura instaura temporalidades em camadas e nos envia à “teatralidade entendida como um discurso e uma estratégia que atravessa o teatro e o transcende, possibilitando inclusive a expansão e o deslocamento dos limites do teatral e do artístico (...) como campo expandido para além das artes”. (DIEGUEZ, 2014:125). Ao longo de toda a obra é recorrente a descrição de situações como espetáculos de teatro.

Ao compor paisagens dramáticas percorridas por corpos que ali deixam vestígios no tempo agora, o texto exala a voz do oprimido, na sua concretude revela uma “cidade ameaçada”, não pelos que vivem na carência, mas por aqueles/aquelas que detém o poder. Apropriando-me de textos de Agamben (2003), em seus estudos à luz de Walter Benjamin, podemos falar de um olhar não em linha reta, mas numa regressão ao passado para falar sobre o presente, um movimento que mira o presente e ao mesmo tempo vê questões que este projeta no passado. Poéticas que propõem olhar o presente e ver os questionamentos que este projeta no passado.

Há uma breve passagem no diário, na qual Carolina de Jesus, ao retirar papéis na sapataria, um sapateiro pergunta-lhe se o seu livro é comunista (1963, p. 91). Falar sobre vidas precárias, pessoas que buscam ossos num matadouro para matar a fome, aqueles/aquelas que vivem à margem, a rotina como catadora de papéis e ferro velho pelas ruas da cidade, a violência a que os corpos de homens e mulheres são submetidos: a escrita toca a realidade. Carolina diz que a escrita é realista. No dia 9 de agosto, ela registra em seu diário: “Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade”. (1963, p. 91)

O movimento arquetípico da água é uma espiral, não uma linha reta que vai de um ponto ao outro. Essa é uma ação diária que a protagonista realiza no começo dos dias, começa buscando água na espiral do tempo que envolve a cidade. Nesta, o passado como uma “outra coisa” (re)vira o presente, fazendo-o operar no agora. Sob essa perspectiva, a dramaturgia-paisagem revela vestígios produzidos por um corpo que deixa suas marcas no tempo, mediante moveres diários, inserindo o espaço (o corpo) no tempo ao dizer presente!

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

DANTAS, Audálio. Sem título. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo* (Edição Popular). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1963.

DIÉGUEZ, Ileana. “Um teatro sem teatro: a teatralidade como campo expandido”. *Revista Sala Preta*, vol. 14, 2014, p. 125-129.

GUSMAN, Patricio. *La nostalgia de la luz*. Blinker Filmproduktion/WDR/Cronomedia/Atacama Productions, 2010, 1h47min. In: <https://www.arcoiris.tv/scheda/it/15888/>. Acesso 6 jun. 2021

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Lembrar. Escrever. Esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo* (Edição Popular). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1963.

ROVELLI, Carlo. 'O tempo não existe': a visão de Carlo Rovelli, considerado 'novo Stephen *Hawking*'. (Entrevista a Margarita Rodríguez).In: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57216160>. Acesso 31 mai 2021.

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do Passado Presente*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2014.

LÉVINAS, Emmanuel. *Humanismo do outro homem*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

SANCHEZ, José António. *Dispositivos poéticos: disidencia y cooperación* (2016) <https://blog.uclm.es/joseasanchez/2016/03/17/dispositivos-poeticos-disidencia-y-cooperacion-2016/>. Acesso 11 agosto 2021.